

Educdigital: a cultura digital na escola através dos letramentos

SILVIO NUNES DA SILVA JÚNIOR*

Resumo: O presente trabalho adensa em um dos temas mais pertinentes a discussões no âmbito da educação e das letras: os letramentos. Na sociedade em que situamo-nos, nós, seres humanos, vemo-nos na obrigação de adentrar em processos de adaptação perante os avanços na sociedade, onde, atualmente, o principal e mais abrangente avanço social dado caracteriza-se pelo enorme adiantamento dos recursos digitais no mundo em geral, atingindo em grande escala o âmbito escolar. Assim, observa-se que a adaptação da escola na cultura digital deve ser feita de maneira planejada e cuidadosamente aplicada, pois, de modo que determinada tecnologia é acatada precipitadamente na educação, esta só tende a prejudicar todos os processos referentes a esse meio. Nesse sentido, propomos refletir acerca da construção do letramento digital na educação, transformando a escola num âmbito sociocultural apto a adotar a cultura digital de maneira inteligente e capaz de formar e criar mentes críticas e capazes de conviver socialmente.

Palavras-chave: Letramentos; Letramento Digital; Sociedade.

Abstract: This work deepens in one of the most relevant topics to discussions of education and literature: the literacies. The society in which we are situating ourselves, we human beings, we find ourselves obliged to enter in processes of adaptation before advances in society, where currently the principal and given broader social advancement is characterized by the huge advance of resources digital in the world in general, large-scale reaching the school setting. Thus, it is observed that school adaptation in digital culture should be done in a planned and carefully applied way, for, so that certain technology is heeded hastily in education, this only tends to undermine all proceedings relating to this medium. In this sense, we propose to reflect on the construction of digital literacy in education, turning the school into a socio-cultural framework able to adopt digital culture intelligent and capable way to form and create critical minds and able to get along socially.

Key words: Literacies; Digital literacy; Society.



* **SILVIO NUNES DA SILVA JÚNIOR** é graduando em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pelo Departamento de Letras, Campus III, da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Bolsista PIBIC/UNEAL/FAPEAL. Colunista de Língua Portuguesa e Linguística do Portal Educação e, Colaborador do Programa Letras Solidárias - UFC.



O ser humano na antiguidade e na atualidade é alvo de diversos olhares em variadas perspectivas, sejam elas biológicas, socioculturais, comportamentais e etc. No entanto, observa-se que a sociedade - que engloba os mais variados padrões - vem passando por modificações visíveis explicitamente com o passar dos anos, uma destas é as habilidades críticas cada vez mais apuradas dos indivíduos nos contextos: social, cultural e, com grande ênfase, no digital.

No meio que situamo-nos a cultura digital vem tomando uma imensa extensão a ponto de que quase todas as atividades dos seres necessitam da influência de ferramentas aliadas as TIC que só tendem a aumentar na tentativa de facilitar a vida pessoal, profissional e acadêmica de todos os viventes.

Concordando com a concepção de Kleiman de que os letramentos

[...] não envolve necessariamente as atividades específicas de ler ou escrever. Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (KLEIMAN, 2008, p.19).

O confronto de atividades científicas que demarcam o que significa ou não ser “letrado” vem sendo mais abordado do que mesmo as inúmeras teóricas

atreladas a descoberta de como a linguagem é adquirida, vista a grande e devida expansão dos estudos de Saussure, Chomsky, Labov e outros, em suas respectivas linhas de estudos lingüísticos. Nesse sentido, para descobrir como são desenvolvidas as habilidades de vivência social dos indivíduos numa sociedade se torna uma das tarefas mais árduas e proveitosas de serem feitas.

Dessa maneira, convém destacar que o ser social é capaz de se habilitar a diversas situações numa adequação que nem sempre pode ser explicada, ou seja, devido os avanços sociais, culturais e tecnológicos os seres humanos acabam se adequando a diversas práticas que num contexto geral tornam-se sociais e abrangem diversas outras teorias e práticas em seus escopos.

O indivíduo alfabetizado linguisticamente recebeu treinamento para desenvolver determinada prática de leitura e escrita no período em que passou na escola, isto posto, percebe-se que a alfabetização serve como base multicultural para o desenvolvimento dos letramentos, uma vez que o processo de decodificação de códigos de uma maneira ou outra se torna importante e influente para que, posteriormente, o sujeito possa adquirir novas habilidades por meio da leitura e da escrita, respectivamente.

Considerando o que foi discutido, adensamos nessa discussão nas camadas mais tratadas atualmente no que tange os estudos dos letramentos. Assim, na construção do sujeito crítico, social e digital. Visto que a adequação de novas práticas na vivência corresponde a diversas e inúmeras construções na identidade de todos os seres sociais, em forma de novos meios de interação no meio sociocultural e educacional. Dando enfoque, na presença de práticas digitais

inovadoras atreladas as TIC empregadas na sociedade educacional, contribuindo assim, para a adaptação dos indivíduos na cultura digital.

Letramentos: conceituações e contribuições na sociedade

A escola como âmbito de ensino, e, também, de ricas trocas de conhecimentos, deve estar apta a todas as mudanças presentes na sociedade, assim, avançando o ensino e revolucionando-o a cada vez mais fazendo com que a escola seja – realmente - o espaço em que “a sociedade delega a responsabilidade de prover as novas gerações das habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes considerados essenciais à formação de todo e qualquer cidadão” (SOARES, 2002, p. 84)

É na escola que o indivíduo em fase de alfabetização aprende a decifrar os primeiros códigos, primeiras operações, e o mais importante - construindo a aptidão de iniciar as capacidades de leitura e escrita, habilidades estas, voltadas ao ensino de língua portuguesa, que estará sempre sendo responsável pelo desenvolvimento dessas competências. Nesse sentido, Galvão (2003, p.150 apud CECCANTINI, 2009, p.212), acredita que “a escola, pelo menos nas últimas décadas e para grande parte da população brasileira, tem-se constituído na principal via de acesso à leitura e à escrita (...)”.

Nessa linha, observa-se que as capacidades constituídas através da alfabetização são imprescindíveis para as apropriações empregadas às práticas sociais. Dessa maneira, é válido assinalar que não adianta saber decifrar e escrever códigos senão praticá-los, fazendo jus à habilidade constituída. Com isso, Soares emprega em sua teoria a leitura como prática social.

[...] estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar seqüências de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 2002, p. 69)

Nesse contexto, percebe-se que o saber ler é uma das habilidades mais importantes da existência e da vivência no geral, é mais do que decifrar códigos ou conhecer símbolos, apesar de que “reconheçamos a relevância e necessidade de se saber decodificar como pré-requisito para se ler bem” (SILVA, 2010, p. 14)

Nenhum ato subestima o de ler e escrever, estas ações são pontos imprescindíveis no viver na sociedade, são as verdadeiras chaves do sucesso dos indivíduos no meio social, diante disso, pode-se afirmar que vivemos em uma sociedade letrada.

Segundo Britto (2007, p. 3)

Ser letrado’ significa, acima de tudo, ser funcionalmente alfabetizado, isto é, ser capaz de usar da escrita para a realização das tarefas cotidianas características da sociedade urbano-industrial. Em outras palavras, o letramento, deste ponto de vista, se resume ao fato de o modo de produção supor um uso de escrita que permita aos indivíduos operar com as instruções de trabalho e normas de conduta e de vida.

Nem todo indivíduo alfabetizado é necessariamente letrado, ou seja, não adianta saber ler e escrever, se não aproveitar essa habilidade para adquirir novas capacidade e conquistas esperadas e inesperadas, por isso que todos nós podemos ser alfabetizados, mas, quando apropriando-nos da nossa capacidade de alfabetização, estaremos adentrando em uma prática letrada na sociedade e, na medida em que crescemos intelectualmente as habilidades letradas multiplicam-se e adaptamo-nos ao nível acadêmico em que estamos, como também, no convívio social.

Na diferenciação dos termos “alfabetização” e “letramento”, é válido ressaltar as concepções de Paulo Freire que é considerado um dos - senão o maior - pesquisador da área da alfabetização, tendo ênfase no Brasil, onde até hoje é ponto de grande referência nos estudos educacionais. Paulo Freire define em suas teorias os conceitos de alfabetização, fazendo com que alfabetização e letramento sejam conceitos muito próximos, a ponto de serem considerados sinônimos, é a partir dessa aceção, que se cria um confronto de ideias de Paulo Freire com os novos teóricos de letramento nos estudos de educação e linguagem.

Nessa perspectiva fica explícita a diferença de alfabetização e letramento. Uma das divergências mais tratadas é a de que alfabetização é um termo utilizado para caracterizar a capacidade de decifrar códigos a partir de um conhecimento prévio, já o letramento são as habilidades de leitura e escrita construídas a partir da alfabetização, o que leva ao indivíduo a um melhor convívio em sociedade utilizando justamente essas práticas.

Em uma visão precipitada, alguns teóricos acabam entendendo de maneira adversa a concepção de Paulo Freire,

tendo em vista que o autor ultrapassa a definição de alfabetização, e vai além da palavra.

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 1991, p. 68 Apud GADOTTI)

As tentativas de confronto de concepções de Paulo Freire com as novas teorias do letramento acabaram não sendo valorizadas como deveriam, ou seja, o autor atuante na área da alfabetização não se prende a este termo, mas sim, vai além disso, ultrapassa esses conceitos, por essa razão, alguns conceitos de letramento podem causar um erro conceitual de caráter ideológico no que trata as correntes teóricas de Paulo Freire.

[...] os estudos sobre o letramento reconfiguraram a conotação política de uma conquista – a alfabetização – que não necessariamente se coloca a serviço da libertação humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções e das “ilhas de excelência”, tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento. (FREIRE apud COLLELO, 2003, p.32-33).

Portanto, destacamos que a concepção de Freire não contraria, e sim, complementa toda a teoria em que se engaja os estudos de letramento atuais, pois, sem a contribuição freiriana seria difícil, senão impossível, de alcançar o

patamar em que os estudos do letramento alcançaram e estão alcançando nos estudos da educação, com ênfase em linguagens e práticas sociais.

Nesse sentido, o letramento pode ser estudado, investigado, explicitado, servindo para a educação em geral em seus diversos dimensionamentos, sem que possa levantar críticas às primeiras teorias de alfabetização, já que, a contribuição freiriana é de tamanha importância para esse estudo. No intuito de valorizar e expandir ainda mais os escritos de Freire, acrescentamos que

Embora o termo “letramento” remeta a uma dimensão complexa e plural das práticas sociais de uso da escrita, a apreensão de uma dada realidade, seja ela de um determinado grupo social ou de um campo específico de conhecimento (ou prática profissional) motivou a emergência de inúmeros estudos a respeito de suas especificidades. É por isso que, nos meios educacionais e acadêmicos, vemos surgir a referência no plural “letramentos”. (COLLELO, 2003, p. 29)

Letramentos, portanto, são capacidades, assim sendo, enfatiza a língua escrita como caminho positivo no desenvolvimento de práticas acadêmicas e sociais, sendo constituído a partir de experiências de vida do indivíduo que ler e escreve. “Letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana.” (KLEIMAN, 2005, p. 5)

De acordo com De Certeau (2004) “Os Estudos do Letramento defendem uma concepção pluralista e multicultural das práticas de uso da língua escrita”. A pluralidade cultural vem como fato

consumado e adensa positivamente frente a tantos conceitos, visto que um complementa o outro e assim sucessivamente traz a essa linha e estudo complementos científicos a cada pesquisa realizada.

Apresentadas as discussões que trouxeram-nos a este momento, é necessário que saibamos a necessidade de iniciarem-se estas pesquisas. Será uma inquietação? Ou, até mesmo uma precariedade social? Tfouni (2010, p. 32) reflete que “A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu (...) da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta”.

Os estudos que envolvem o ensino e aprendizagem de língua materna focam – atualmente – nos letramentos como alternativa abrangente que agrega o turbilhão de responsabilidades deste componente curricular, neste caso, algumas categorias vêm surgindo nos estudos dos letramentos abordando as correntes presentes no ensino de língua portuguesa - como, por exemplo – o letramento literário.

A prática da escrita em sala de aula deve ser exigente e - ao mesmo tempo - proveitosa para o aluno, a produção escrita exige do indivíduo a capacidade de interpretar, expor metas partindo do senso crítico e saber expressá-las sucintamente no decorrer de um texto.

O saber escrever depende de diversos aspectos que, geralmente, só chegam à assimilação total no fim do ensino médio, sempre tendo como ponto principal a interação e as vivências diante dos avanços sociais. De acordo com Perez (1994, p. 89).

[...] é preciso ressaltar que o processo de construção da

linguagem escrita é um processo discursivo, marcado por uma rede de interações que integra a criança ao seu meio sócio-histórico-cultural. A construção e a apropriação de conhecimentos sobre a escrita pela criança não são um processo gradual de transformações isoladas, mas um processo totalizador, em que desenvolvimento e aprendizagem constituem uma unidade dialética.

As capacidades de língua escrita são desenvolvidas através de um processo educacional que, como todos os outros, é iniciado na pré-escola, onde as crianças aprendem de forma simples e lúdica a distinguir as letras oficiais do alfabeto e, durante o processo de ensino-aprendizagem irão apropriar-se de estratégias próprias para escrever seus textos.

Atualmente, a capacidade de ler e escrever na sociedade faz uma grande diferença no meio. Diariamente, pessoas são vítimas de preconceito por não alfabetizadas, assim, não tendo aptidão de escrever, fazendo com que estes acabem sendo considerados inferiores. Para Sampaio (1994, p.78).

Numa sociedade letrada, aqueles que não são alfabetizados são vistos como inferiores. O papel de um ambiente alfabetizador, para a criança das classes populares, é, essencialmente, criar nela, que não vê sentido no aprender a ler e a escrever, o sentido para ler e escrever.

Percebe-se que a escola - hoje em dia - enfatiza de maneira abrangente essa realidade. O docente é preparado para lidar com os alunos influenciando-os a dedicar-se aos estudos para serem imunes desse tipo de discriminação. A prática da escrita depende da capacidade discursiva de cada indivíduo, ou seja, quem não é capaz de identificar aspectos pertinentes a sociedade local, nacional e

mundial, não será capaz de ter uma prática escrita capaz de incluir-se na sociedade letrada.

No que tange a perspectiva do letramento, faz-se mister ressaltar que para a apropriação das capacidades de leitura, o indivíduo que de maneira generalizada poderá decifrar códigos, deverá estar apto a habilitar suas leituras à diversos aportes textuais, assim como “literatura, livros didáticos, obras técnicas, dicionários, listas, enciclopédias, quadros de horário, catálogos, jornais, revistas, anúncios, cartas formais e informais, rótulos, cardápios, sinais de trânsito, sinalização urbana, receitas...” (SOARES, 2002, p. 69).

O letramento em sua ampla abordagem, não pode ser considerado um atributo que ocasiona em uma habilidade de forma unicamente pessoal, mas, é concretizado e/ou constituído de práticas sociais, de forma em que os conceitos voltados a esta perspectiva são considerados pluralistas e multiculturais, onde abrangem diversas culturas e meios sociais em que situa todos os indivíduos.

Entretanto, várias teorias já foram publicadas tratando especificamente da expansão dos conceitos de letramento envolvendo a leitura e a escrita e, como já foi dito, o letramento vem em uma tentativa de definir o funcionamento das habilidades “sociais”. Dessa maneira, Scribner define essas habilidades no contexto social de modo peculiar de sua própria aceção.

A necessidade de habilidades de letramento na nossa vida diária é óbvia; no emprego, passeando pela cidade, fazendo compras, todos encontramos situações que requerem o uso da leitura ou a produção de símbolos escritos. Não é necessário apresentar justificativas para insistir que as escolas são obrigadas a

desenvolver nas crianças as habilidades de letramento que as tornarão aptas a responder a estas demandas sociais cotidianas. (*Apud* SOARES, 2002, p. 73)

Partindo da definição de Scribner vê-se que o autor não mede palavras para tratar da escola como âmbito totalmente responsável pelo desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos que nela situam-se em boa parte das suas rotinas diárias. A escola – então - serve como um estímulo capaz de constituir o aprendizado dos alunos, respeitando as dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento linguísticos dos mesmos.

Acrescentamos que nem sempre o letramento trará conseqüências desejáveis, benéficas, críticas, pois, no entanto, os letramentos com suas diversas teorias podem ser considerados ascensões ao poder em sociedade, assim como assinala Soares.

[...] não pode ser considerado um “instrumento” neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (2002, p. 75)

Adensando num termo acarretado pela dimensão acarretada pelo padrão social, o poder quando observado de forma posicional numa dada sociedade vem adentrando em diversos padrões (financeiros, pessoais, profissionais e etc.). Com isso, a autora visa trazer nessa reflexão as contribuições das habilidades letradas, visto que estas distribuem questões nos contextos sociais.

Mediante as diversas abordagens do termo letramentos, acabou-se havendo no entremeio desses estudos uma heterogeneidade no que tange as práticas sociais de leitura e escrita. Dessa maneira, uma vez que os letramentos situam-se em um caráter sociocultural, Rojo (2009) traz o termo “multiletramentos” na tentativa de representar uma massa referida ao estudo da linguagem de modo que acompanha os avanços da sociedade de modo geral, assim como os gêneros textuais. Nessa perspectiva, o letramento digital entra como um dos avanços da sociedade o qual foi acatado pelos multiletramentos, levando em conta as tecnologias da informação e comunicação para a escola que, uma vez acatadas, só tendem a acelerar o processo de ensino-aprendizagem, como também, as outras formas de interação que envolvem o contexto educacional.

Letramento digital

Diante dos conceitos que se tornam a cada dia mais variados no que tange a construção do ser digitalmente letrado, cabe a algumas teorias confrontar conceitos e formular novos, considerando que todos situam-se numa perspectiva igual ou similar, porém, com uma visão de letramento mais complexa, uma vez que envolve práticas sociais e digitais, respectivamente.

Primeiramente, é necessário vislumbrar que não só teóricos, mas, também, associações e grandes grupos dedicam-se a estudar e definir o tão complexo conceito dos letramentos digitais. Na perspectiva diacrônica, os estudos dos letramentos em geral se encontram em constante inovação, assim, cada vez mais estudos vêm sendo realizados no intuito de contribuir ou confrontar as concepções já existentes.

Serim (2002) com seus diversos estudos coletivos, traz definições de que letramento digital está atrelado em grande escala à tecnologia e as ferramentas apresentadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação impostas na sociedade como modo e condição social em que os indivíduos devem situar-se quando necessário.

No Letramento digital estar-se usando a tecnologia digital, ferramentas de comunicação, e / ou redes para acessar, gerenciar, integrar, avaliar, e criar a informação, a fim de função na sociedade do conhecimento. A definição do painel reflete a noção de Letramento digital como um *continuum*, que permite a medição dos vários aspectos do letramento, a partir de habilidades de vida diária para os benefícios transformadores de proficiência digital. (SERIM, 2002, p. 2)¹

Nesse sentido, o letramento digital se prende com mais ênfase no termo “digital” do que mesmo em “letramento”, isto é, em outras palavras, todo ser apto a utilizar-se de tecnologias para se comunicar no social é considerado digitalmente letrado, desde que esteja aplicando as habilidades tecnológicas no convívio social, tornando-as benefícios constituintes de uma proficiência.

Já na concepção de Buzato, alguns aspectos têm similaridade com a determinação de Serim, porém, enfatiza

¹ Nossa tradução de: *ICT literacy is using digital technology, communications tools, and/or networks to access, manage, integrate, evaluate, and create information in order to function in a knowledge society. The panel's definition reflects the notion of ICT literacy as a continuum, which allows the measurement of various aspects of literacy, from daily life skills to the transformative benefits of ICT proficiency.*

o digital ou eletrônico atua como auxílio ao social, o cultural e geográfico.

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente. (BUZATO, 2006, p. 16)

Dessa maneira, as tecnologias até então consideradas novas exigem práticas letradas para concretizarem-se na sociedade, trazendo as reflexões de letramento digital à escola, pois é partindo do contexto escolar que as primeiras habilidades do indivíduo letrado começam a desenvolver-se.

Na contemporaneidade, as novas tecnologias de informação e comunicação – TICS – têm exigido práticas letradas que requerem um deslocamento das práticas canônicas realizadas pelos protagonistas do cenário das escolas de ensino médio, os professores e os alunos. A TICS trouxeram para o contexto escolar textos multimodais (...) que combinam imagens (e em movimento), com áudios, cores e *links*. (DIAS, 2012, p.95)

Alguns estudos que surgiram após a expansão das TIC² na educação nos levam a discorrer acerca de diversas abordagens mediante a aplicação das tecnologias em práticas sociais envolvendo a escola. A escola, então, está à mercê de todos os avanços da sociedade e, com isso, adota com o passar do tempo ferramentas que se tornam indispensáveis e impossíveis de

serem abolidas no processo de ensino-aprendizagem.

Hoje em dia, as escolas públicas e privadas do Brasil, mesmo em um lento processo, estão se modernizando. Os professores que servem como incentivadores dos alunos e facilitadores no processo de ensino-aprendizagem estão começando a adaptar-se às tecnologias por meio de matérias audiovisuais que são disponibilizados na escola através de programas do governo federal, ou aquisição por recursos próprios. Estes materiais que quando em conjunto tornam-se “multimeios didáticos” vêm em forma de TV’s digitais, data show, notebooks, e atualmente até tablets e iphones.

As tecnologias servem como suportes e auxílios para o meio social e cultural, através disso, é viável destacar que entre os aspectos sociais e culturais, a sala de aula serve como meio principal, sendo esta um ambiente onde o mediador passa para os alunos conhecimentos socioculturais que constituem habilidades intelectuais, servindo de base para estes na sociedade.

Se por um lado, busca-se a educação do cidadão para o mundo do trabalho, por outro, pretende-se a formação de um ser crítico e flexível capaz de continuar aprendendo novas condições de ocupação do espaço e de comunicação em sociedade; um indivíduo apto a compreender os fundamentos tecnológicos, de relacionar a teoria com a prática. (MIRANDA, 2008, p. 5)

Na relação entre teoria e prática de aplicação do meio tecnológico em sala de aula, abre-se espaço para outras diversas discussões pertinentes na área educacional, isto porque não adianta ter informações valiosas acerca da manipulação didática de materiais

² TIC’s: Tecnologias da Informação e Comunicação.

digitais, mas, também, aplicá-los constantemente no convívio do aluno e do professor na escola.

Há tempos atrás, o âmbito escolar era detido apenas no antigo método de ensino de quadro, giz, caderno e lápis, métodos que até hoje são adotados, mas, com uma interface inovadora que está sendo adotada através das TIC.

[...] nem todos os docentes tinham conhecimento adequado das características peculiares dos diferentes tipos de texto. Por esse motivo, seu trabalho limitava-se a permitir e propiciar um contato geral dos alunos com tais textos, porque faltava ao professor ferramentas mais específicas para enriquecer este contacto, que otimizaria o aprendizado. (KAUFMAN & RODRIGUEZ, 1995, p.07)

Tendo em vista o que foi citado por Kaufman e Rodriguez, os docentes devem tirar proveito de toda prática facilitadora que os for favorável no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Nas salas de aula atuais, os professores devem ver os multimeios como facilitadores e auxiliares na prática docente, desprendendo dos julgamentos de que “as tecnologias estão prejudicando a educação”.

Diante disso, Mori (2011) em uma noção de “inclusão digital” denomina a visão da construção de um possível letramento digital por meio de três vertentes importantes, assim “a) inclusão digital como acesso; b) inclusão digital como alfabetização digital; c) inclusão digital como apropriação de tecnologias” (MORI, 2011, p. 40).

A inclusão digital, assim como as reflexões para com os conceitos de letramento digital, está atrelada a dois termos: alfabetização – e, apropriação. Diferente do letramento, a alfabetização corresponde à tarefa de decifrar códigos

na pré-escola, mas, quando se enquadra no sentido aqui tratado, a alfabetização entra como “nível de apropriação”.

[...] a apropriação da escrita não tem em si um conjunto de consequências fixas e pré-definidas: aquilo a que se denomina escrita é um conjunto muito complexo e variável de comportamentos, gestos, competências e habilidades envolvidos num conjunto muito heterogêneo de práticas e instituições sociais marcadas por relações de poder que condicionam o significado da escrita para aqueles que a utilizam e dela se apropriam. (TEIS, 2007, p. 63)

A escrita, diferente em partes do contexto oral está direcionada necessariamente a uma apropriação do que já vinha existindo antes desta, ou seja, da maneira que existe uma apropriação, o indivíduo que se apropria toma como base um conceito, uma prática ou qualquer outro aspecto já existente. Com isso, convém destacar a assinalação de Mey (1998), onde o letramento digital vai além de saber ler, escrever e saber utilizar a internet e as tecnologias em geral; ter um letramento digital corresponde a aplicar esses saberes no cotidiano, sem prender-se a um só lugar.

Aliado a isto, Soares (2002) refere-se a letramento digital como a possibilidade de ler e escrever por meio de tecnologias modernas por meio de “formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada”. (SOARES, 2002, p.146, grifos do autor).

Em meio a tantas afirmações acerca do letramento digital como prática social, Xavier (2005) traz uma vertente onde letramento digital além de prática social é - com grande influência - cultural,

pois, o indivíduo letrado está apto a “participar efetivamente e decidir, como cidadão do seu tempo, os destinos da comunidade à qual pertence e as tradições, hábitos e costumes com os quais se identifica”, (XAVIER, 2005, p.134)

Assim, contudo, para as práticas de letramento digital chegarem até os alunos, os professores devem situar-se numa sociedade letrada digitalmente, passando pelas etapas já apresentadas. Com isso, a formação complementar serve de grande aliada para este fim, uma vez que da maneira em que o transmissor de conhecimento demonstra habilidade, os receptores darão respostas a partir do aprendizado. Em outras palavras, para as práticas de leitura e escrita envolvendo o meio digital estejam 100% presentes nos âmbitos educacionais, deve-se haver uma grande expansão de capacitação profissional de docentes, visto que, sem esta e outras alternativas - a educação - não conseguirá sair de seu viés tradicional. Desse modo, não se deve condenar a presença das diversas inovações aplicadas no ensino como impróprias e/ou incômodas no trabalho em sala de aula, mas sim, adotá-las de modo estratégico visando melhorias significativas no ensino, ocasionando na aprendizagem.

Conclusão

As habilidades adquiridas numa jornada sociocultural e educacional são ferramentas que constituem a identidade, posição e nível acadêmico dos indivíduos. Com isso, da maneira em que os sujeitos aderem a práticas de vivência para o convívio social, estão, antes de tudo, construindo sua identidade pessoal e social e, acompanhando junto ao tempo as exigências presentes no mundo cada vez mais inovador.

Observamos que a escola tem muito a oferecer, abrange em pequenas estruturas responsabilidades totalmente extensas e importantes para a formação de alunos que são, principalmente, cidadãos em formação social no meio em que vivenciam a realidade, a qual enfatiza em grande escala o padrão socioeconômico, partindo assim não somente de uma ideologia, mas sim, de um conceito formado.

Dessa maneira, adequando-se aos padrões sociais, os seres estão construindo uma relação de poder através dos letramentos, que fazem um “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p.18). Nesse sentido, dar-se a ver estas práticas já expostas por Ângela Kleiman como modernas, pois estas já abrangem as tecnologias como parte da sociedade.

Através do que foi mencionado, percebe-se que diante de tantos avanços sociais acompanhados pela escola, as TIC chegaram como necessidade e, foram fantasiadas como inovação. Nessa perspectiva, a educação vem se modernizando a passos lentos devido a precarização da formação de professores, porém, as práticas sociais de vivência cultural estão se expandindo e aproximando cada vez mais a sociedade da escola.

Referências

BRITTO, Luiz Percival Leme. O ensino da leitura e da escrita numa perspectiva transdisciplinar. In: CORREIA, D. A; SALEH, P. B. O. (org.). **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: Editora da UEPG; Parábola, 2007.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal

Educarede. 2006. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf>. Acesso em: 04 de jul. 2015.

CECCANTINI, João Luis. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos, MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tânia M. K. (Orgs). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009. p. 207-231.

COLLELO, Silvia M. Gasparino. **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita**. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>> Acesso em 22. Jul. 2015.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DIAS, A. V. M. Hipercontos multissemióticos: para a promoção dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, v. 1, p. 95-122.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e letramento: Como negar nossa história**. Disponível em: <http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0004/Alfab_Letramento_2005.pdf> Acesso em: 22. Jul. 2015.

KAUFMAN, A. M; RODRÍGUEZ, M. E. **Escola, leitura produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. Campinas: Cefiel, 2005.

MENDONÇA, Márcia. (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MIRANDA, Fabiana Maria Whonrath. **Audiovisual na sala de aula: Estudo de trabalhos de produção de vídeo como instrumento pedagógico no processo de ensino aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Artes)

– Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MORI, C. K. **Políticas públicas para inclusão digital no Brasil: aspectos institucionais e efetividade em iniciativas federais de disseminação de telecentros no período 2000-2010**. 2011. 351 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PEREZ, C. L. V. Com Lápis de Cor e Varinha de Condão. Um Processo de Aprendizagem da Leitura e da Escrita. In: GARCIA, R. L. (org.) **Revistando a Pré-escola**. 2. Ed. São Paulo: Cortez. 1994.

SAMPAIO, C. S. Alfabetização na Pré-escola. In: GARCIA, R. L. (org.) **Revistando a Pré-escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1994.

SERIM, Ferdi. **The importance of contemporary literacy in the digital age: a response to digital transformation: a framework for information communication technologies (ICT) literacy**. Disponível em: <https://www.ets.org/Media/Tests/Information_and_Communication_Technology_Literacy/ictrep_ort.pdf>. Acesso em: 04 de jul. 2015.

SILVA, Solimar Patriota. **Leitor, leitura e escola: concepções de futuros mediadores de leitura**. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. v. XXXIV. 2010, p. 13-24.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

TEIS, Mirtes Aparecida. **Escrita e letramento com alunos Avá-Guarani: aulas de reforço**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007, 175p.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

XAVIER, Antonio Carlos. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz;

Recebido em 2015-07-23
Publicado em 2016-05-28